

Apellido y Nombre del/los autor/es: Isabel Gonçalves Cordeiro

DNI: MG-16047534

e-mail/ teléfono del/los autor/es: (38) 91310661

Institución de procedencia: Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Eje temático: Políticas de género y sexualidades

Palabras claves (5): auto-organização, mulheres, opressão, libertação, ação

Título de la ponencia: Não sou mulher, sou mulheres: Construção do coletivo auto-organizado Cumadre Maria

Resumo

A história nos demonstra facilmente a situação de opressão das mulheres existente na sociedade há milhares de anos. No Brasil somente na Constituição de 1988 é reconhecido que homens e mulheres têm deveres e direitos iguais e isso só será regulamentado com o Código Civil de 2002. Na medida em que o opressor jamais libertará o oprimido é preciso que se tenha uma estratégia que viabilize um processo de libertação aonde os oprimidos vão tomando consciência de sua posição e vão acumulando forças o suficiente para não mais permitir a opressão por parte do opressor. A auto-organização possibilita construir a solidariedade ao reconhecer a opressão e perceber com clareza os danos que ela causa às mulheres, individual e coletivamente. Sendo necessário que as mulheres construam uma compreensão da sua realidade de opressão e dos desafios que têm a cumprir para combatê-la. Com isso permite o fortalecimento delas e as coloca em posição de igualdade com os homens no cotidiano. O AMA – Axé Mulheres em Ação foi o primeiro projeto dentro do campus Mucuri a abordar a questão da mulher relacionando este tema com a raça/etnia e juventude. A interlocução com a dança afro trouxe todo o diferencial ao projeto que vem se consolidando ao longo dos últimos dois anos, e foi também o motor mediador entre as estudantes do campus universitário, a comunidade no entorno a universidade e as comunidades quilombolas de Ouro Verde de Minas. Porém devido à complexidade da demanda o projeto perdeu a característica de uma intervenção pontual, tornando-se uma ação de caráter permanente. Foi no princípio

I Congreso Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades
VIII Encuentro Interdisciplinario de Ciencias Sociales y Humanas del CIFYH

auto organizativo que baseamos toda a nossa intervenção na extensão. Neste período conseguimos solidificar o coletivo de mulheres estudantes dentro da universidade que se intitulou *Cumadre Maria*.

Não sou mulher, sou mulheres: Construção do coletivo auto-organizado
Cumadre Maria

Isabel Gonçalves Cordeiro¹

¹ Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Sumário

1– Introdução

1.1 – A Marcha Mundial das Mulheres

1.2 – As mulheres, o Movimento Estudantil e a práxis

2 – Projeto de extensão AMA – Axé Mulheres em Ação

3 – Surgimento do Cumadre Maria

3.1 – Nossa vinculação com a Marcha Mundial das Mulheres

4 – Conclusão

5 – Referências Bibliográficas

1 – Introdução

1.1 – A Marcha Mundial das Mulheres

A Marcha Mundial das Mulheres é um Movimento Social Feminista e auto-organizado que surge durante os anos 2000 na América Latina quando lança uma campanha contra a pobreza e a violência sexista com o chamado de “2000 razões para marchar contra a pobreza e a violência sexista”, consolidando um debate que teve início nos anos 90 na Aliança Social Continental sobre economia feminista. À medida que esta campanha se desenvolve, cresce a adesão e começa a se pensar uma ação contínua articulando mulheres da América Latina, Europa, África e Ásia. Hoje, este movimento é considerado uma das maiores e mais importantes articulações feministas do mundo, assumindo um caráter de classe, levantando bandeiras feministas e discutindo temas como a sociedade de mercado e seus impactos na vida das mulheres, o trabalho das mulheres, tráfico de mulheres, prostituição, soberania alimentar, violência dentre outros.

No dia 8 de março de 2010, a Marcha Mundial das Mulheres realizou a 3ª Ação Internacional Feminista, onde estiveram reunidas três mil mulheres brasileiras e mais de 45 países na rua marchando durante 11 dias da cidade de Campinas à São Paulo por um mundo sem machismo. Mulheres estas militantes da cidade, do campo e das florestas; negras, brancas e indígenas de diferentes gerações. Esta Ação foi marcada pelo forte processo de auto-organização, trabalho coletivo e solidariedade mundial.

Nesta ação estiveram presentes algumas militantes do Movimento Estudantil da cidade de Teófilo Otoni – Minas Gerais e foi a partir da participação neste encontro que começou a se pensar uma práxis feminista na região do Vale do Mucuri. Região nordeste do Estado de Minas Gerais; Estado este que possui fortes características coloniais, coronelistas e patriarcais.

1.2 – As mulheres, o Movimento Estudantil e a práxis.

A história da luta feminista é a história da auto-organização das mulheres. É quando as mulheres se organizam politicamente como sujeito coletivo a fim de enfrentar fortalecidas a opressão e a desigualdade. No movimento misto não é fácil

construir essa auto-organização das mulheres por mais que tais movimentos construam lutas com identidade mais progressista.

A auto-organização possibilita construir a solidariedade ao reconhecer a opressão e perceber com clareza os danos que ela causa às mulheres, individual e coletivamente. Sendo necessário que as mulheres construam uma compreensão da sua realidade de opressão e dos desafios que têm a cumprir para combatê-la. Com isso permite o fortalecimento delas e as coloca em posição de igualdade com os homens no cotidiano.

Entendendo a situação das mulheres nos movimentos mistos, neste caso no Movimento Estudantil, e compreendendo a importância e a necessidade da auto-organização iniciam-se reflexões de como colocar este debate em pauta na vida das mulheres e inseri-lo nas organizações e entidades de base que compõem o Movimento Estudantil, no entanto com uma dificuldade muito grande de principalmente expandir o espaço em que poderíamos inserir o debate e foi neste contexto que se começou a pensar o ambiente em que estavam inseridas: a universidade.

O papel social da universidade, no presente caso a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, tem finalidade de fortalecer o ensino público nesta região¹ e formar mão de obra especializada voltada para a realidade dos Vales. A compreensão do Movimento Estudantil acerca deste debate se aproxima da concepção sobre a relação entre universidade e sociedade baseada na práxis, ou seja, na concepção do método materialista dialético-histórico de Marx e Engels que afirma como *práxis* não só a ligação intrínseca entre teoria e prática, mas também a necessidade de que essa ligação tenha como propósito a transformação da realidade social.

Pode-se dizer que, no sentido dialético a que nos referimos acima, a Universidade brasileira, em particular a pública, nasceu cumprindo um papel progressista no seio de uma sociedade marcada por profundas contradições sociais. A Universidade Pública Brasileira é forjada pelo “tripé” ensino-pesquisa-extensão e foi baseado neste “tripé”, em especial através da extensão universitária, que se iniciou o trabalho com as mulheres.

2 – Projeto de extensão AMA – Axé Mulheres em Ação

A história nos demonstra facilmente a situação de opressão das mulheres existente na sociedade há milhares de anos.

No Brasil somente na Constituição de 1988 é reconhecido que homens e mulheres têm deveres e direitos iguais e isso só será regulamentado com o Código Civil de 2002. Na medida em que o opressor jamais libertará o oprimido é preciso que se tenha uma estratégia que viabilize um processo de libertação aonde os oprimidos vão tomando consciência de sua posição e vão acumulando forças o suficiente para não mais permitir a opressão por parte do opressor. Foi no princípio auto organizativo que baseamos toda a nossa intervenção na extensão.

O AMA foi o primeiro projeto dentro do campus Mucuri a abordar a questão da mulher relacionando este tema com a etnia e juventude. A interlocução com a dança afro trouxe todo o diferencial ao projeto que foi se consolidando ao longo do ano de 2011. Pela formação histórica do Vale do Mucuri é percebido o quanto a questão étnica no que tange a negritude não é evidenciada nas pesquisas que abordam a região. Porém este fator não está isolado de uma realidade nacional de uma sociedade de base patriarcal e racista como a brasileira, haja vista, por exemplo, as estatísticas referentes à inserção das mulheres, em especial as negras, ao mundo do trabalho. Portanto entendemos que a realização de constantes projetos de extensão com esse público é extremamente importante para construir formas de rompimento com essa lógica perversa de dominação e exploração da condição humana feminina.

O projeto AMA – Axé Mulheres em Ação estabeleceu parceria com o NEAB – Núcleo de estudos Afro Brasileiro, Observatório da Juventude, Movimento Estudantil/Diretório Central dos Estudantes e com o Laboratório de Cultura e Arte todos dentro da UFVJM a fim de que nesses espaços pudesse ser transversal o debate de novas relações de gênero.

O projeto também veio possibilitando uma aproximação do público feminino e masculino em torno do debate feminista dentro e fora da universidade tendo em vista que os espaços formativos são abertos e se faz uma ampla divulgação do

mesmo. A dança-afro foi o motor mediador entre as estudantes do campus universitário, a comunidade no entorno a universidade e as comunidades quilombolas de Ouro Verde de Minas. Introduzimos ao projeto a batucada, sons de percussão tirados de latas e tambores de plásticos recicláveis.

Este projeto tem como objetivo principal a promoção entre as mulheres do intercâmbio de vivências, através da dança, debate de gênero, etnia e identidade entre a comunidade acadêmica, comunidade da zona sul de Teófilo Otoni e as comunidades quilombolas de Ouro Verde de Minas/Vale do Mucuri a fim de consolidar coletivos de mulheres.

3 – A consolidação do Coletivo *Cumadre Maria*.

Devido à complexidade da demanda o projeto perdeu a característica de uma intervenção pontual e tornando-se uma ação de caráter permanente pôde ampliar o debate no sentido político, fortalecendo a auto-organização das mulheres caminhando, dessa forma, para o rumo libertador do feminismo.

Consolidou-se na Universidade o Coletivo de Mulheres *Cumadre Maria*. Entendendo que autonomia e igualdade são princípios centrais de um feminismo que propõe uma transformação estrutural na sociedade, que alcance a vida de todas as mulheres.

Os coletivos feministas são espaços fundamentais na construção de uma identidade coletiva que ao fim e ao cabo, organiza uma luta em comum, com consequências no plano da política, não no plano particular. Além disso, há que se reafirmar que relações de gênero são relações de poder, e nestas, as mulheres são desfavorecidas. Compreendendo isso, e lembrando a lei da física que afirma que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, na medida em que as mulheres conquistam o poder, os homens o perdem, ou seja, bem ou mal, quem é beneficiado pela exclusão das mulheres de determinados espaços são os homens. Vale afirmar, portanto que os homens militantes das mesmas organizações em que as mulheres atuam, na maioria das vezes inibem a intervenção das mulheres, inclusive quando se trata da discussão de gênero. Entendendo que se faz necessário garantir espaços em que as mulheres sejam estimuladas a serem agentes de sua história,

onde possam encontrar referências para a luta feminista, os espaços de auto-organização das mulheres se tornam imprescindíveis, inclusive, se tornando importantes momentos de formação política.

Conquistas não vêm por decreto ou favores. Paulo Freire afirma que a emancipação de um setor oprimido somente virá por obra desse mesmo setor oprimido. É isto que o espaço auto-organizado *Coletivo Cumadre Maria*² busca: a autonomia das mulheres e uma sociedade igualitária.

Na década de 1990 a reforma neoliberal do Estado Brasileiro teve alguns dos seus mais cruéis efeitos na Educação. Ao sucatear a Universidade Pública o neoliberalismo trouxe grande precariedade para as mulheres estudantes e trabalhadoras, representando um retrocesso nos direitos de todas.

3.1 – A nossa vinculação com a Marcha Mundial das Mulheres

A superação da opressão está diretamente relacionada à mudanças estruturais da sociedade, desta forma e somada à aproximação que tais estudantes tinham com o debate feminista do movimento de mulheres Marcha Mundial das Mulheres, fez-se necessária a vinculação com um projeto feminista de sociedade a fim de construir o mundo que desejamos, com coesão e direcionamento político e ideológico.

Sobre a organicidade do movimento está a autonomia das mulheres organizadas em lutar solidariamente pelas mesmas pautas que mulheres latino americanas, africanas, europeias, etc., e também de a partir da sua realidade pensar a desconstrução do machismo levantando pautas específicas das localidades em que vivem; desta forma, o coletivo *Cumadre Maria* a partir de então luta pelas pautas coletivas do movimento Marcha Mundial das Mulheres e a partir da análise de quais são as pautas estratégicas para a libertação das mulheres que compõem o coletivo, as mulheres da região do Vale do Mucuri e as mulheres como um todo da centralidade para tais.

A Marcha mundial das mulheres tem como bandeiras de luta principais a denúncia à tirania do patriarcado e ao livre mercado entendendo que a tirania do mercado se ancora na exploração do tempo e trabalho das mulheres como recursos inesgotáveis. Tenta transformar as mulheres em objetos apropriados e controlados,

como um produto que se adapta às exigências do mercado. Esse é o sentido da imposição de um padrão de beleza inatingível e da busca da eterna juventude como sinônimo de felicidade. Pela autonomia e direito à autodeterminação entendendo que a sociedade molda a vida das mulheres quando impõe a maternidade, jornadas intermináveis de trabalho (incluindo o trabalho doméstico), um modelo de heterossexualidade negando a lesbianidade. Pela autonomia econômica das mulheres no sentido de lutar pelo reconhecimento do trabalho das mulheres e o questionamento da divisão sexual do trabalho. Por um mundo sem violência contra as mulheres entendendo que as diversas formas de violência estão no cotidiano da maioria das mulheres de todo o mundo e que sua raiz está no machismo e no capitalismo que tenta reduzir as mulheres em objetos e mercadorias. Contra a privatização da natureza e dos serviços públicos, construindo uma alternativa que aponta para a efetivação da soberania alimentar e energética. Pela paz e desmilitarização, evidenciando as consequências diretas das guerras e conflitos nas vidas das mulheres que vai desde a manipulação ideológica à criminalização dos Movimentos Sociais.

E por acreditar no debate e a luta proposta pela Marcha Mundial das mulheres que se baseia na construção do feminismo casada com a desconstrução do capitalismo, com muita clareza de que a construção da igualdade e autonomia das mulheres só se efetivará em um processo de transformação social que busque superar as desigualdades de classe e de raça/etnia, é que passamos a nos identificarmos enquanto Marcha mundial das Mulheres.

4 – Conclusão

Entendemos que só através da auto-organização é que podemos caminhar rumo à um mundo sem machismo. O coletivo *Cumadre Maria* hoje é fruto de um projeto que articulou universidade, sociedade, mulheres e transformação social e que tem potencialidades cada vez maiores conforme conseguimos colocar nossos direitos em pauta e conquista-los.

A relação deste coletivo com os movimentos sociais foi potencializada por meio da participação em espaços como à luta do 8 de Março de 2012, ao 9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, etc.

Sendo assim, o coletivo Cumadre Maria é hoje um instrumento que fortalece o Movimento Estudantil no Campus Mucuri, possibilitando as estudantes se organizarem e fomentarem a organização de outras estudantes em torno de suas pautas internas e externas da universidade, articulando junto aos movimentos sociais.

5 – Referências Bibliográficas

DANTAS, Eliane. **Educando Meninas**. Revista AMAE Educando. Ano 42, n.361, Belo Horizonte, 2009.

FON, Celeste; KANO, Mauro; SILVA, Ranulfo Peloso da; JUNIOR, Rubens Paolucci; VIEIRA, Patrícia Gonçalves. **Concepção de educação popular do CEPIS – Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae**. São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

TERRIBILI, Alessandra. **Cadernos Marcha Mundial das Mulheres**. Publicação Marcha Mundial das Mulheres, São Paulo, 2008.